

HUMANIZAR É EDUCAR

O desafio de formar pessoas através da educação

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Esta é mesmo a “era do conhecimento?”

O conhecimento só vale de fato se for vivido como a experiência pessoal e dialógicamente partilhada da busca da sabedoria? Da busca do conhecimento tornado uma vivência crítica e reflexiva ao criar-se a cada instante em mim mesmo e entre nós? Vivemos momentos de crescente interação, integração e indeterminação de saberes e de valores em todos os seus planos e em todas as suas cada vez mais inter-conectadas dimensões? Tudo o que sabemos “é o que é” enquanto está sendo, a cada fugaz momento de sua existência entre nós, e onde “tudo o que é sólido desmancha no ar?” Em cada pessoa humana “adquirir o saber” e “aprender” são experiências de uma grande complexidade e de um poder de transformações interiores de cujas dimensões mais começamos a desconfiar? Há na educação algo muito além de uma razão instrumental?

Há nela, na essência de sua existência, uma missão de partilha na criação de pessoas humanas críticas, criativas e participativas na construção de seus mundos de vida cotidiana? Se este conjunto de perguntas faz algum sentido, eis o que deveria vir então a acontecer. Eis o sentido em que hoje em dia, mais do que nunca, humanizar – criar, conviver e partilhar a construção solidária de um mundo justo e feliz – é educar. Formar pessoas livres através da educação é um momento essencial de todo o acontecimento da humanização. Sugiro quatro pontos de partida para uma tal educação.

a educação é por toda a vida.

Ela não deve mais ser pensada como uma “etapa de preparação para a vida”. Deve ser pensada como uma vivência solidária de criação de sentidos ao longo de toda a vida e em cada um dos momentos da vida de cada ser humano. E não apenas porque ela é a “educação de um mundo em contínua mudança”. Mas porque a educação deve se constituir como um lugar essencial e não substituível na busca e criação de sentidos pessoais e partilhados de vida, que participem de maneira crítica e consciente da orientação das próprias transformações do Mundo e da Vida.

a educação é um bem e é um valor em si mesmo

Ela não é um meio funcional e utilitário, destinado a preparar pessoas humanas para algo exterior a elas mesmas seja através de uma projeção de um futuro nunca realizado, seja através do sujeição de seu destino a algum projeto. Um projeto que pode ser “a sociedade perfeita”, o “estado ideal” ou, pior do que tudo: “o mercado neoliberal” de bens, de serviços e até mesmo de vidas transformadas em mercadoria.

Devemos partir de alguns pressupostos muitos simples e bastante interconectados. Por exemplo: a razão de ser do ser humano em sua individualidade e em sua vocação à busca de comunhão consigo mesmo e com os outros, não é o trabalho e nem é qualquer atividade produtiva semelhante. Ela é a inacabável construção de si-mesmo no abrir-se ao outro, e no construir com ele o cotidiano livre e solidário de seu próprio mundo. Esta “construção” nasce do exercício contínuo de aprendizagens partilhadas (e, se possível, não “à distância”) dentro de um crescendo da sensibilidade, da amorosidade, da criação pessoal e interativa de saberes e da invenção inacabável e igualmente interativa de sentidos e de significados de vida e de destino.

aprender é uma atividade irreduzível a qualquer outra

Aprender a saber e saber para aprender criam em cada pessoa humana uma experiência contínua e crescentemente inacabável. Por isso, o aprender a que serve a educação não é um instrumento destinado a “outra coisa na vida” mas, antes, uma razão de ser essencial da própria experiência humana. E é, mais do que tudo, aquilo que nos torna humanos a cada instante e aquilo que possibilita, em cada uma e em cada um de nós, um ir-além-de-si-mesmo infindo. Não somos o que somos, mas somos o que aprendemos a ser a cada instante da vida. Voltarei a isto.

Por conseqüência, a educação não serve a preparar pessoas e grupos humanos “para”. Ao contrário, a educação deve ser dedicada a acompanhar ao longo de toda a vida, pessoas que se recriam ao reaprenderem sempre, e que devem estar inseridas em comunidades de saber. Participantes o tempo todo em comunidades aprendentes como uma finalidade em si-mesma, por conduzirem desde um “dentro delas” a grande experiência da aventura

humana: aprender a saber¹. Se estamos ousando imaginar que vivemos a geração destinada a transpor a era mecânica regida pela servidão do trabalho sob o primado do agir-racional-com-respeito-a-fins sugerido por Jurgen Habermas, em direção a uma era interativa (mais do que apenas “eletrônica” ou “informática”) regida pela criação do/através do conhecimento e do agir comunicativo, então este é o momento de recolocar a educação como um lugar-eixo de todo o campo das interações humanas em qualquer lugar e a qualquer momento.

Este é um dilema fundador de qualquer debate sobre a atualidade e os horizontes da educação entre nós. Pois a pergunta essencial que nos fazemos, educadores situados de um lado e do outro de um rio de imaginários, de poderes e de projetos que talvez, como o de João Guimarães Rosa, tenha três margens, já não é mais apenas identitária. Já não pergunta somente isto: “que tipo de pessoa pretendemos formar através da educação que praticamos?”.

Ela implica, agora mais do que nunca, outras perguntas. Rascunhei algumas delas antes. Volto a elas com outras palavras?

Sobre que tipo de pessoa humana recairá a escolha de identidade e de projeto de vida daqueles a quem devemos educar, para que ela seja quem deva vir-a-ser por opção e, não, por determinação antecipada de quem a educa?

Em que tipo de mundo está vivendo e virá a viver este ator cultural, não apenas num futuro remoto de “pessoa educada”, mas a cada momento presente de uma “pessoa-sempre-se-educando”?

Para a realização utópica de que mundo, ou para a reiteração “realista” de que tipo de sociedade, nós educamos quem educamos?

Uma resposta direta ao dilema proposto pela professora Iria poderia ser dada na seqüência de seu par de opostos: para o “Mundo do lado da Vida” (e aqui escrevo com maiúsculas as duas palavras) ou para o “mundo do lado do sistema”. A diferença está em que entre os que se situam “do lado da vida” e, como tal, estão de fora do “lado do sistema” e não fazem parte da articulação de seus poderes, esta vocação é declarada como um ideário pedagógico aberto ao diálogo. Enquanto aqueles que trazem para o círculo da educação o “valor-sistema” desde um ponto originário de exercício de poder - inclusive sobre a educação e seu destino - preferem calar ou dizer o que pretendem de uma

¹ Esta expressão: “comunidade aprendente” foi empregada com felicidade por Hugo Assmann em seu recente livro *reencantando a educação*, de 1998, VOZES, Petrópolis. Embora não concorde com todas as idéias propostas em seu trabalho, considero este e outros livros de Hugo Assmann um exercício intrigante a um pensar crítico a respeito da educação em nossos tempos.

maneira dissimulada. Ou, o que é mais comum, com uma ilusória autenticidade posta fora de discussão, pelo simples fato de ser “oficial”. Ora, para tornar algo mais amplas essas reflexões, proponho que um exemplo de dimensões internacionais nos acompanhe daqui até algumas linhas abaixo.

Dois documentos a respeito da educação foram publicados por instituições de âmbito mundial nos últimos anos. Não terão sido os únicos, mas a proximidade das datas e a divergência entre um e outro no que toca questões muito essenciais, torna importante uma aproximação entre eles. Falo do *prioridades y estrategias para la educación – informe del banco mundial*², e falo do documento solicitado pela UNESCO a uma ampla equipe de educadores. Este segundo texto é o que desejo considerar mais de perto aqui. Ele tomou o nome original de “*relatório Delors*”, pois o francês Jacques Delors foi o coordenador da equipe. Em Português o trabalho foi traduzido com o nome sugestivo de: *educação – um tesouro a descobrir*³.

O *informe do Banco Mundial* introduz alguns princípios em aparência modernizadores da educação, sobretudo para o caso dos países do Terceiro Mundo. O critério de excelência da educação é, não obstante, a sua capacidade de gerar riquezas e uma melhor e mais bem distribuída qualidade de vida na sociedade, empregos incluídos. Assim, o indicador dos critérios de como um projeto de educação deve ser pensado e posto em prática, é regido pela lógica de uma economia de produção de bens e de ordenação dos serviços na sociedade. O que se trás para a educação são preceitos do tipo: investimentos a serem realizados *versus* benefícios a serem obtidos. É um tipo de pensamento escrito de tal sorte que as ações neste campo são regidas pelos quase mesmos princípios e pelas mesmas regras que orientam também as outras práticas sociais, como a saúde e a geração de alimentos⁴.

Dizendo isto às claras ou não, trata-se de investir com inteligência no produto-educação com vistas a obter, através da produção de pessoas melhor preparadas de acordo com a lógica e a ética de um mercado gerenciado por preceitos de interesse e ganhos – mesmo quando “ganhos sociais” – uma melhoria significativa dos indicadores de desenvolvimento de uma sociedade.

² 1996, Banco Mundial, Washigton, 194 páginas. Não conheço versão em português.

³ E foi publicado pela Cortez Editora em 1999 com o patrocínio do MEC e da UNESCO. O Documento do Banco Mundial não existe publicado em livro, ao que eu saiba. Ele poderá ser obtido diretamente em alguma sede do Banco.

⁴ Miguel Soller Roca, um educador uruguaio radicado em Barcelona, redigiu um dos mais sérios estudos a respeito da leitura do Banco Mundial a respeito da educação. Está em, ***el banco mundial metido a educador***, 1997, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación/ Reviusta de la Educación del Pueblo,. Montevidéo.

Sociedade esta entendida como uma comunidade política e civil desigual de pessoas atadas ao trabalho, onde cada uma vale mais pela capacidade produtiva e pelo incremento da motivação do consumidor de bens, do que pela autonomia criativa de geradores de idéias autônomas e das ações sociais responsáveis do sujeito-cidadão.

Mesmo as “sugestões de cidadania” e as propostas que possam vir a serem lidas como uma educação destinada à formação de pessoas reflexivas e capazes de saírem de si e trabalharem cooperativamente na construção de suas vidas cotidianas e de seus mundos sociais, são frágeis e ditas em uma linguagem que submete uma ética da cooperação entre iguais sociais culturalmente diferenciados, a uma lógica sutil de um mercado que estende a competição do âmbito dos relacionamentos entre pessoas ao das relações entre os povos.

O documento da UNESCO não é propriamente o “outro lado da moeda” e, pelo menos de uma maneira declarada, não pretende competir com o *exame do Banco Mundial*. Mas nos pontos mais importantes ele é bastante diferente. Diverso o suficiente para subscrever a proposta de uma “educação para o próximo milênio” em termos substancialmente outros. E “outros” em quê? Em pelo menos estes pontos: a) a concepção de um sentido de vida e de destino humanos centrados no primado do valor-pessoa e no poder do conhecimento e da educação sobre a transformação dos relacionamentos pessoa-pessoa e pessoas-sociedade; b) uma clara proposta de princípios operativos de uma ação pedagógica que venha a contribuir de fato para a formação de sujeitos sociais com todas as características da pessoa-cidadã solidária, autônoma, cooperativa e participante de esferas de vida responsável para além do simples “mundo do trabalho”; c) a clara sugestão de um projeto de educação de fato multicultural, isto é, aberto às diferenças e capaz de toma-las não como um entrave a uma democratização do ensino, mas como um ponto de partida de um trabalho pedagógico capaz de contribuir no combate às injustas desigualdades sociais e em favor do direito a sermos solidariamente diferentes. Voltarei a este último ponto adiante.

Na substância de suas idéias, o *relatório da UNESCO* reforça algumas idéias trazidas ao debate entre educadores de todo o mundo nestes últimos anos. Vejamos algumas.

A educação é um bem de dupla-mão. É um direito humano à realização e à felicidade, e um dever de cidadania que deve ser estendido a todas as pessoas. No horizonte, este bem cultural deve estar disponível a todos em todos os seus níveis. Como o *relatório* defende o estar participando da

educação dentro da escola , mas fora dela também, em outras várias comunidades aprendentes, como um projeto “por toda a vida”, então a educação deve ser pensada como um trabalho de múltiplas integradas e mútuas interações na construção solidária de saberes através das mais diversas situações de ensinamentos-aprendizagens. E tudo isto ao longo de todos os ciclos da vida de cada uma e de cada um de todos nós.

Podemos pensar até mesmo que os esforços inovadores destinados a transformar, pouco a pouco, um ensino seriado e artificialmente estabelecido de acordo com normas exteriores às vidas dos estudantes, em uma experiência de educação, logo, de ensino-aprendizagem, fundadas em ciclos de vida, terão sido até agora apenas a primeira ponta de um fio de meada que nos haverá de conduzir a uma educação que, finalmente, terá descoberto um pouco mais de seu próprio rosto. A sua própria face humana e, não, as máscaras com que os diferentes sistemas de poder a ocultam de si mesma.

Trata-se de recriar, numa nova visão dos tempos-da-vida, os próprios novos-tempos-da-educação. Não se educa para se ser “isto ou aquilo”, mas para se re-construir continuamente o frágil e maravilhoso “ser-de-si-mesmo”. A educação não é, vimos, um bem provisório ou um direito transitório destinado a formar pessoas para o acesso a bens supostamente duradouros situados fora dela. A educação é um bem em-si-mesmo. É um fator-vida destinado a acompanhar uma história infinda de trocas de saberes, de valores, de sentidos e de sensibilidades em cada um de nós e nas comunidades que soubermos construir para compartilharmos juntos o ensinar-e-aprender, para cumprirmos ao longo da vida o preceito de Holderlin que escrevi como epígrafe a estas idéias. Também para destinarmos a nós mesmos o grande bem fundador de tudo o que importa na relação difícil entre o indivíduo e a sociedade: a infinita construção humana de si mesmo, ao longo da interminável reconstrução partilhada dos mundos sociais que abriguem esses “si-mesmos”, convocados à descoberta e à conquista de suas próprias liberdades responsáveis.

E um tal deslocamento da “série” para o “ciclo”, do “ter” para o “ser” e do “interesse” para o “diálogo” haverá de provocar mudanças de fundo na nossa própria formação como educadores. Dou a palavra a Miguel Arroyo.

As idades da vida e da formação humana passam a ser o eixo estruturante do pensar, planejar, intervir e fazer educativos, da organização das atividades, dos conhecimentos, dos valores, dos tempos e espaços. Trabalhar em um determinado tempo-ciclo da formação humana passa a ser o eixo identitário dos

profissionais da educação básica e de seu trabalho coletivo e individual. O profissional passa a se ver como um educador, um pedagogo, um adulto que tenta dar conta dessas temporalidades do desenvolvimento humano com suas especificidades e exigências. A escola é vista como um encontro pedagogicamente pensado e organizado de gerações, de idades diferentes. Outra concepção de educação, outro profissional, logo, outros mecanismos para sua formação, outras dimensões a serem privilegiadas⁵.

Também aqui estamos frente a uma educação de vocação multicultural. Mas agora não no encontro entre culturas diferentes vividas por pessoas de uma mesma geração e, sim, no ponto de encontro entre pessoas e entre gerações diferentes dentro de uma mesma cultura. É importante encontrar isto em Miguel Arroyo, falando a educadores do Brasil, e também em um documento dirigido a educadores de todo o Mundo. De um mundo que vira a história de um milênio para o outro. vendo ser acentuada a face mais perversa de todas as desigualdades sociais entre pessoas, entre classes e entre povos. Isto ao mesmo tempo em que ele ameaça “igualar” justamente o mais humanamente “inigualável” produto do trabalho humano: a imensa riqueza cultural de nossas diferenças.

Sonho, procurando ir mais além do próprio o *relatório da UNESCO* e com o ideário pedagógico de tantas e de tantos entre nós, com uma educação que forme pessoas criativas e conscientes. Pessoas tornadas progressivamente mais responsáveis, mais críticas e autônomas em seu pensar. Por isso mesmo, pessoas mais integradas em todas as frentes de “causas” e de “lutas” em nome da utopia de um mundo de fato mais humano. Sonho pessoas educadas para serem capazes de fortalecer a cada dia os *tempos-espacos da vida* subtraídos do poder de controle dos *espacos-tempos do sistema*.

E este não é propriamente um sonho ilusório. Ao mesmo tempo em que nos confrontamos com um enorme esforço de ampliação do controle da vida cotidiana do “lado da vida”, posto a efeito tanto pelos poderes do Estado, quanto pela crescente invasão local, regional, nacional e internacional (Banco Mundial, FMI) do “mundo da empresa” sobre os cenários culturais de criação de conhecimento e sua partilha, como são os da ciência e da educação, assistimos também à sua contraparte.

⁵ Ver em *ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores*, Educação e Sociedade, ano XX, nº 68, dezembro 1999, pg.158

O documento da UNESCO toma claramente o partido de uma educação responsável por criar pessoas éticas e vocacionalmente devotadas a um espírito solidário em todos os planos da vida. Ele parte da esperança de que não apenas os princípios de matemática ou de geografia sejam aprendíveis e mereçam ser ensinados ao longo dos anos de vida de uma criança e de um jovem. A “Paz” também se ensina e pode ser vivencialmente aprendida. A escola há de ser, agora mais do que nunca, um lugar de trocas de afetos e de sentidos dentro e ao redor do aprendizado da experiência da tolerância, da igualdade, da liberdade, da justiça, e, por que não? do Amor. Em nome do quê devemos aceitar que a escola à qual dedicamos as nossas vidas deve “ensinar a contar”, sem praticar também o ensino do sentido humano e social das contas justas?

Em um texto oportuno em seu tempo e atual até hoje, Jean Piaget comenta longamente o “artigo 26” da Declaração dos Direitos Humanos. E ele defende uma educação intensamente envolvida em uma formação ética e mesmo política da pessoa cidadã em seu País e no Mundo. Ao tomar este partido, ele propõe um ensino teórico das questões ligadas ao aprendizado da cidadania responsável, subordinado à incorporação de experiências vividas dentro da escola, como atividades co-participadas de criação de relacionamentos de fato democráticos, dentro e fora da sala de aulas. Ele chega mesmo a sugerir alternativas de autogoverno escolar estendidas aos alunos⁶

Em uma de suas sempre inesquecíveis falas, a professora Marilena Chauí lembrou-nos algo para ser também nunca mais esquecido. Eu nunca esqueci.

Ela lembrava que não vivemos como sujeitos-cidadãos uma experiência democrática por inteiro, quando compartimos um mundo social onde, política e juridicamente, as mesmas leis justas e equitativas são aplicadas, da mesma maneira, sobre todas as pessoas. Vivemos a aurora desta experiência de vida democrática, quando assumimos o poder do direito cidadão de sermos nós próprios, a cada momento de nossas vidas, os criadores e os transformadores de todas as leis que nos regem. Que nos devem reger com justiça não porque são boas e justas, mas porque nós, pessoas *do lado da vida* as criamos assim. E as transformamos outra vez, quando deixam de ser como devem ser.

⁶ O artigo se chama: ***o direito à educação no mundo atual***, e constitui toda a longa Segunda parte do livro: ***para onde vai a educação***, 1998, José Olympio, Rio de Janeiro, já na 14ª edição. Note-se que este artigo foi escrito também por encomenda da UNESCO e foi publicado originalmente em 1948, em ***des droits de l' esprit***, pela Librairie du Recueil Sirey, sob patrocínio da UNESCO.

Ao trabalhar o intervalo entre a realidade e a metáfora em dois documentos de dimensão mundial, dirigidos a educadores como nós, fica evidente que eu fiz uma escolha. Ao haver optado por pensar mais com vocês através do *documento da UNESCO*, pretendi trazer aqui a evidência de uma divergência que está nos fundamentos das nossas próprias escolhas como pessoas e como educadores. Quem de nós escapa delas? Repito, ela não é única, mas parece conter os elementos do que há de mais importante neste campo de divergências e de buscas tão múltiplas de sentidos para o *ato de educar*.

A todo o momento nos toca responder a perguntas como estas.

Entre a *vida* e o *sistema*, de que formas integrar as nossas escolhas em um corpo coerente e consistente de fundamentos fecundos e complexos a respeito da pessoa humana, da vida social e da educação, como uma de suas práticas culturais?

Como criar, na diferença de cada cultura humana, projetos de vida e de ação social através da educação, entre os seguintes pares de opostos, convergentes alguns, francamente divergentes, outros?

A cooperação entre as pessoas em termos de experiências solidárias de construção de sentidos e de projetos partilhados de vida

versus

A evidência da competição e da concorrência como móveis pessoais e interativos das relações de reprodução do tipo de sociedade e de sistema de vida impostos a nos?

O sentido de vida e de presença da pessoa humana na sociedade em termos de participação solidária como uma “missão” (quero ousar esta palavra aparentemente confessional demais)

versus

O sentido da vida posto sobre a individualidade do “sucesso” pessoal, como meta da realização da pessoa educada?

Uma educação pensada e vivida cada vez mais como um direito humano e um fim-em-si-mesma, pelo que ela representa enquanto convergência de tempos-espacos do aprender a saber, tomados como finalidade essencial da vida humana

versus

Uma educação pensada como um “meio para”; como um entre outros instrumentos de acumulação de saberes instrumentais e de habilitações funcionais dirigidos “à vida”, uma vida sempre a ser realizada “depois da educação”, ao trabalho ou o mercado.

Uma educação devotada ao SER de cada pessoa e destinada a fundar as condições crescentes de criação pessoal de saberes, de valores, de sentidos e de sensibilidades como processos ativos e solidários, em termos da idéias de que nós somos o saber que criamos ao aprendermos juntos.

versus

Uma educação dirigida a um TER acumulativo, e destinada a considerar o aprender e o saber como atividades igualmente acumulativas, possessórias, segundo o princípio de que “eu sou o saber que eu possuo e que utilizo instrumental e interesseiramente?

Uma educação ancorada na experiência da vida e plantada no solo de seus tempos e modos, tal como eles são vividos em cada pessoa; em cada pessoa e nas relações das/entre as pessoas em seus mundos cotidianos de cultura ao longo dos seus ciclos-de-vida; uma educação destinada a criar sujeitos capazes de viverem a cada momento a plenitude “daquele momento” de suas existências, mais ou menos em termos de: “o que deve ser ensinado a uma criança de oito anos, para que ela viva em plenitude a experiência única do ter, agora e depois nunca mais, oito anos?”.

versus

Uma educação ancorada em estruturas processuais rígidas e exteriores de conhecimentos seriados e de vivências pré-definidas de acordo com a fórmula costumeira: “o que uma criança de quarta série deve aprender para passar para a quinta série?”

O que somos, o que vivemos, o como pensamos e o que fazemos conosco, com os nossos outros e com o nosso mundo, pode estar dirigido por ações utilitárias com vistas a alguma forma de acumulação indevida de bens (de mercadorias) e de poderes (do poder interagir com pessoas tratadas como mercadoria). Mas pode ser também dirigido por ações devotadas à comunicação. Ações para conosco mesmos, para com os outros de nosso mundo e para este próprio mundo - casa e nave de nós todas e de todos nós - regidas pelo primado da própria pessoa e pela vocação do diálogo. Isto é, do

relacionamento onde o que vale é a construção livre do ser de cada um de nós em um mundo onde o lado do sistema exista em absoluta subordinação ao lado da vida. Um mundo onde nenhuma posse prive uma outra pessoa qualquer da felicidade. Onde nenhuma forma de poder exista sem haver sido fundada e estar sendo mantida pela vontade livre de pessoas solidárias em sociedades sem senhores.

O exemplo simples e muito atual tomado por Iria Brzezinski para denunciar os conteúdos de documentos recentes do Ministério da Educação a respeito da formação de educadores, e também os procedimentos serviu-nos como um retrato muito próximo de todas as posições “de um lado e do outro” que nos acompanham e nos desafiam. Pois em seu exemplo muito recente, o “lado do sistema” preferiu ignorar toda a experiência acumulada pelos próprios educadores e por seus longos anos de estudos, de pesquisas e de encontros e seminários a respeito dos mesmos assuntos tratados nos decretos ministeriais, para considerar, “por conta própria”, questões que afetam toda uma ampla e tão diversificada comunidade aprendente e educadora situada “do lado da vida”. Isto é: nós.

BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ARROYO, Miguel, **Ofício de Mestre**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel, **Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores**. Educação e Sociedade, ano XX, nº 68, dezembro 1999

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELORS, Jacques et alii. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

HABERMAS, Jurgen. **Tecnologia e Ciência enquanto “ideologia”**. São Paulo: Abril Editora, São Paulo, Coleção Os Pensadores, 1988.

MACHADO, Nilton José. **Educação – projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 1999

PIAGET, Jean **Para onde vai a educação?**, José Olympio, Rio de Janeiro, 1988.

QUASIMODO, Salvatore, **Poesias Escolhidas**, Editora Opera Mundi, Rio de Janeiro, 1971

SOLER ROCA, Miguel, **El Banco Mundial metido a educador** Fac. de Humanidades y Ciencias de la Educación/ Revista de la Educación del Pueblo, Montevideo, 1991.

WEIL, Simone, **Escritos Desordenados**, Editorial Trotta, Madrid, 1995